

Introdução

A razão de ser deste livro é relativamente simples: volvidos quase vinte anos sobre a minha primeira aula como professor, seguiram-se outros anos em que orientei os estágios pedagógicos de recém licenciados e mais anos até ao dia de hoje, durante os quais, nas funções de supervisor, tenho assistido a inúmeras aulas. O filão de todos estes anos, cheio de sucessos e insucessos, de entusiasmos e preocupações, foi sempre, por sorte minha, o **fascínio de ser professor**.

Recentemente emergiu em mim um duplo sentimento que acabou por precipitar este livro: por um lado, uma verificação preocupante do crescente desânimo ou desencanto dos professores em relação à actividade docente; por outro lado, mais importante do que esse laivo de pessimismo, o sentimento profundo de que a educação é a charneira do desenvolvimento e o aperitivo da felicidade e de que, na edificação de uma sociedade melhor, o professor tem uma vital e nobilíssima missão.

Emprego a palavra «missão» aqui com particular acutilância. Trata-se da empreitada de ser construtor de um mundo melhor, só atingível através da entrega apaixonada, empática e voluntariosa, quase ao jeito sacerdotal de outras missões. Não colhi nos livros esta convicção, apesar dos textos que conheço sobre a problemática da qualificação associada ao desenvolvimento. Radica antes na experiência sensível, que consigo remontar à época, há alguns anos, em que me envolvi em trabalhos de solidariedade social com famílias degradadas, jovens toxicodependentes e crianças delinquentes. Depois de largas horas empregues a recuperar a casa, outras infra-estruturas e alguma dignidade a pessoas carenciadas a vários níveis, regressei à minha vida anterior. Foi curioso ver o resultado do «lustr» puxado a essas pessoas. Mas, muitas vezes, voltei mais tarde e vi... (quase) tudo na mesma. Não fora tempo desperdiçado; algo ficara, porque muito não se vê, mas havia em mim um vazio que, ironicamente, me mostrava a importância da escola: a pobreza daquela gente era, precisamente, a baixa educação. O caminho deveria ser, em absoluto, a tal «missão»: mais e melhor educação.

Não faltam discussões sobre educação... Muitas delas, convenhamos, são «chover no molhado», repletas de palavreados concêntricos e algo estéreis. Neste sentido, alinho parcialmente com as críticas feitas por alguns cépticos relativamente a certa teorização das ciências da educação. Mas estou longe de desprezar a reflexão e a investigação em educação ainda que, progressivamente, no meu caso pessoal, enquadre tal investigação sempre com a respectiva aplicação. Interessam-me a área da química e a das novas tecnologias. Embora parta da minha experiência como aluno, professor, orientador e supervisor de estágios pedagógicos de Química, este livro foi pensado para ser abrangente e poder interessar aos professores, em geral. Estou consciente de que a ciência, que exerce fascínio sobre mim, é apenas o pretexto de desideratos mais profundos. Costumo dizer, sem complexos, que, por mais que se entusiasme e entusiasme pela ciência os seus alunos, o professor que foque apenas os conteúdos tem horizontes limitados.

Discute-se muito a centralidade do aluno na prática educativa. Também muita reflexão se faz sobre a complexidade da educação e as suas múltiplas interações sociais que levam a «escola muito além da escola». Não há dúvida, porém, de que são cruciais a aula e o professor, este com o seu estilo, conhecimento, entrega, protagonismo e, sobretudo, com o seu carisma. Quero com isto

dizer que, embora consciente da dita centralidade do aluno no processo educativo, bem como da fundamental importância de todo o contexto que o envolve, assumem ainda e sempre primordial importância a função (tradicional, se se quiser) do professor e o palco principal em que ele actua, que se chama sala de aula.

Vivem-se hoje, particularmente no mundo académico das «ciências duras» e das «ciências da educação», claras tensões no que concerne a uma visão mais tradicional ou mais vanguardista da educação. Tenho para mim que existem «pólos» educativos e que, na minha perspectiva, eles deverão ser equilibrados naquilo a que chamo a «fusão feliz» desses pólos. Há coisas interessantes e não desprezáveis nesses dois extremos, que me levam, tipicamente, a não tomar uma atitude radical face a muitas tensões conceptuais em educação, desenvolvidas ao longo deste livro, como razão / afectos, palavra / imagem, sacrifício / prazer, conceitos / contextos, memória / criatividade, etc. Por vezes, pode haver exageros de todos os lados... A fusão, na acepção físico-química, é a passagem do estado sólido ao estado líquido. Para fazer ligas metálicas, por exemplo, há que fundir dois metais, misturar e deixar arrefecer. Assim se fazem moedas valiosas, por exemplo, a partir de pedaços de cobre e níquel...

O nosso ensino está massificado, como resultado de uma democratização educativa que nos deve orgulhar, mas que teve e tem o seu custo. A todo o instante temos ainda de «amortecer» o impacto negativo da massificação e requalificar o processo educativo. Entretanto, enquanto fazemos caminho, isto é, sempre, existem nas nossas escolas, hoje mais do que ontem, alunos desmotivados e problemáticos. A sala de aula é o espelho da nação. Já não existem apenas elites que têm *backgrounds* particulares, mas uma massa ampla e diversa. Por isto, o professor de Química que saiba só química não irá longe: por exemplo, o João não percebe uma dada geometria molecular. O professor sabe muito de geometria molecular, tem modelos sofisticados e estratégias encantadoras. Mas onde irá o professor se for indiferente ao facto de, ontem, o pai do João, alcoolizado, ter batido na mãe? De que servirá a sua sabedoria química sem a apreensão social e, principalmente, sem a criatividade sensível de uma aproximação ao aluno, talvez privada, expressa, porventura, na mágica expressão: «Como te posso ajudar?»... Está claro também que, do outro lado, caricaturalmente, está o (pseudo) professor de Química, que, dominando o mundo da psicologia ou da sociologia, não sabe da ciência que está a ensinar, não se prepara e não se forma continuamente, sendo, tão só, um professor «fixe»... Veremos estas e outras tensões ao longo deste livro.

Convém tornar claro que este não é um livro académico. Apesar de uma ou outra citação bibliográfica, a abordagem é muito mais intuitiva do que sistemática. A linha seguida parte de memórias e comentários feitos a aulas a que assisti nos últimos anos e reflecte, obviamente, toda a actuação como professor, não esquecendo o tempo, ainda anterior, em que, como aluno, vivi múltiplas cenas pedagógicas. Acrescento ainda, algumas das vezes, a minha experiência de pai, com dilemas parecidos com os do professor. Em tempos julguei que era mais seguro como professor do que como pai. Com os filhos mais crescidos, pensei que, afinal, me sentia mais seguro como pai do que como professor. Hoje, escrevendo estas linhas (deve ser dos quarenta anos...) acho que não sou seguro em coisa nenhuma. O que me «segura», de facto, é o fascínio de querer ser melhor...

Este livro é, em certo sentido, uma conversa com o leitor. Falo, deliberadamente, com insistência, na primeira pessoa. Relato aqui a minha experiência, refiro a minha sensibilidade, as minhas

dúvidas, até as minhas inconsistências, e as minhas convicções e sentidos de urgência para a educação. Não sou, contudo, categórico, nem acho, obviamente, que ser-se professor é necessariamente «ir por aqui». Há tantos caminhos quantos os professores... Abaixo revelo, por exemplo, como são importantes para mim o horizonte e o alcance afectivo da minha relação com os alunos, assumindo a Química como o pretexto (agradável pretexto, diga-se) de um bem maior. Mas conheço professores, bons professores, que discordam e não praticam esta minha forma de estar. Que, pelo contrário, pensam e protagonizam, separando em absoluto a ciência que ensinam da pessoa que são ou daquilo que sentem. Noutras tensões abordadas no livro, certamente teremos, eu e eles, muitos pontos de concordância. E todos somos chamados a colaborar numa escola melhor. Em última análise, para estarmos todos bem na educação, une-nos o fascínio de ser professor, cada um a seu jeito...

Faço algumas reflexões de carácter mais geral, relacionadas com o papel do professor e as suas expectativas. Abordo, em particular, algumas das «tensões educativas» a que já fiz referência. Embora tente sempre enquadramentos concretos, por vezes apenas espelho. Sempre que oportuno, desenvolvo aspectos relacionados mais de perto com a «mole» ciência que é a Química... Tenho a veleidade de tornar estas incursões na Química interessantes e agradáveis mesmo para professores de outras disciplinas, cumprindo também o papel de difusor da cultura científica.

Para cada uma das tensões entre pólos, aproveito para contar histórias e reflectir sobre a escola. Normalmente, dou corpo à «fusão feliz» entre esses pólos, num ponto de equilíbrio. Muitas vezes, escolho à volta do 40, diante de olhares e práticas muitas vezes radicados no 8 ou no 80. Pode haver modos de fazer mais ou menos adequados, mas não há receitas fixas. Não raras vezes, deparo-me com grandes inseguranças. O discernimento do professor, radicado no precioso livre arbítrio de escolher, é sempre uma capacidade em evolução.

As vinte secções deste livro representam diversas dicotomias. A ordem por que são apresentadas não é relevante, pelo que até podem ser lidas arbitrariamente. Na maioria dos casos, os pólos representam extremos com virtudes parciais, estando a virtude algures no «meio». Outro tipo de dicotomias, como saber ciência / saber ensinar, é para abraçar em simultâneo: quanto mais de cada um dos pólos, melhor. Algumas secções têm estreitas relações entre si e poderiam até ser juntas (6, 13 e 15, por exemplo). É também verdade que as mesmas ideias que estão diluídas no livro poderiam integrar outras dicotomias, que ficaram de fora, como tradição / inovação, individualismo / cooperação ou competição / colaboração.

Por outro lado, os próprios títulos das secções estão repletos de subjectividade: o que é disciplina para uns, pode não ser para outros, ou o que é autonomia para uns pode ser considerado abandono para outros. A organização apresentada é, pois, uma entre muitas possíveis.

Um tanto deliberadamente, este livro não tem conclusões. São vários os motivos, mas advinha-se que o dinamismo da profissão de professor se presta pouco a fechos e sínteses, sendo mais coerente falar em portas e caminhos que se abrem. O prazer de «estar em palco» no teatro da educação é a seiva destas palavras. A química é um agradável álbi: mais do que ser-se professor do que se gosta, é fascinante gostar-se de se ser professor!